

OPINIÃO

As alterações climáticas e as respostas políticas



ANTÓNIO COMPRIDO
Secretário Geral da Apetro

No momento em que se discute nas Nações Unidas a questão do combate às alterações climáticas, assiste-se no palco político a um interessante combate em que todos pretendem ser os campeões desta causa. Curiosamente, muitos dos que agora se arvoram nos seus grandes defensores, foram também os que ao longo dos anos menos atenção deram ao problema. E pior do que esta tentativa de captura do tema é o facto de, em muitas situações, ele ser encarado de uma maneira superficial e com a convicção de que algumas medidas legislativas serão suficientes.

Num texto que escrevi há alguns meses falei nos “pilares da descarbonização” e permito-me voltar ao tema. A dimensão global do problema implica uma atuação global. Sem ela não será possível encontrar soluções eficazes. Louvamos as atitudes voluntaristas de alguns países e regiões, como serão os casos de Portugal e da União Europeia, mas se olharmos para o peso decrescente que têm nas emissões globais, logo percebemos que não vão sozinhas resolver o problema. E a ausência das discussões de países importantes, desde logo os EUA, o Japão e o Brasil, não augura nada de bom. É pois fundamental que a União Europeia defina como uma das suas prioridades, conseguir que outros países e blocos económicos adotem idênticos objetivos e definam programas de ação concretos. Esse é, a meu ver, onde se deve concentrar muita da energia despendida. Quem quer ser líder numa causa, tem de dar o exemplo mas tem, também, de se certificar que tem seguidores, e de que o seu exemplo é replicado o maior número de vezes possível. De contrário

arrisca-se a liderar no vazio.

Outros dos pilares que referi, foi o da inclusão de todas as tecnologias e soluções disponíveis. Há cada vez mais testemunhos científicos a dizer-nos que não há um caminho único para a descarbonização e que todas as soluções que possam contribuir para a redução das emissões deverão ser acarinhadas, particularmente nas fases de I&D, e tratadas sem discriminação. Todos os setores da atividade económica podem e devem contribuir, estando muitas vezes o foco dos políticos demasiadamente centrado em soluções particulares.

A questão do financiamento das medidas necessárias é essencial sendo aqui, mais uma vez, essencial criar mecanismos de solidariedade que permitam aos países com menores recursos, e que em muitos casos são os que mais poderão sofrer as consequências das alterações do clima, participarem no esforço que a todos é exigido.

Vamos, então, criar as condições políticas para que a sociedade, com base no conhecimento e nos comportamentos individuais e coletivos, encontre os caminhos necessários. Sou dos que acredita que isso é possível, embora reconheça a magnitude do problema. É por isso que temos que encarar este desafio como um desafio da humanidade, que não é propriedade de nenhum partido ou movimento que tenha a pretensão de nos ensinar o caminho a percorrer.

Há cada vez mais
testemunhos
científicos a dizer-
-nos que não há um
caminho único para
a descarbonização